

Geometria hoje, mas a arte é intemporal

No Museu de Arte da Pampulha é a vez da expressão geométrica, revelando através de triângulos, quadrados e círculos, as formas concretas de obras máximas da arte brasileira.

Mesmo trazendo uma sensação sólida do moderno, de algo concreto e sem vida, percebem-se, nos movimentos dessas formas geométricas, que se pode construir idéias, símbolos que fazem o homem sentir a vida. A coletiva "Geometria Hoje" foi inaugurada,

dia 22 de maio, no Museu de Arte da Pampulha. Ela contém obras de 18 artistas nacionais, que são: Abraham Palatnik, Abelardo Zaluar, Arthur Luiz Pisa, Arcângelo Ianelli, Geraldo de Barros, Hércules Barsotti, Israel Pedrosa, Jandyra Waters, Judith Lauand, Lothar Gharoux, Luiz Sacilotto, Manfredo Souza-neto, Maurício Nogueira Lima, Mira Schendel, Rubem Ludolf, Sérvulo Esmeraldo, Ubi Bava e Valdeir Maciel.

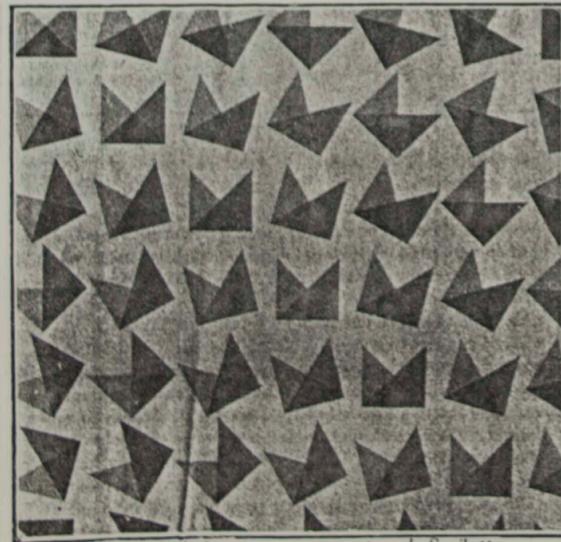
SOBRE ESSA mostra Jacob Klintowitz escreveu: "A convicção é de que aqui estão alguns dos principais artistas nacionais e que eles são suficientes para uma conscientização da nossa realidade cultural e que a reunião destas obras é de uma reflexão tamanha capaz de emergir novos artistas e propiciar polêmicas sobre o tema".

A obra e os artistas

Para Jacob Klintowitz, em seu "Geometria Hoje", "essa arte, no Brasil, evoluiu com alguma coisa de não rigoroso, de pessoal, assimilada



Abraham Palatnik, um mestre nesse tipo de criação



Uma tela de 1 metro por um metro, de Sacilotto

pelos artistas ao nível de um processo individual. As geometria, teve alguma coisa orgânica. Na apresentação deste conjunto de artistas, vale assinalar que, independentemente da origem da imagem de cada um, vale o resultado final como uma construção de caráter poético, e, evidentemente, a qualidade da visão de mundo, a contribuição particular de cada um dos artistas para aumentar o acervo de conhecimentos e possibilidade de entendimento do ser humano sobre essa arte.

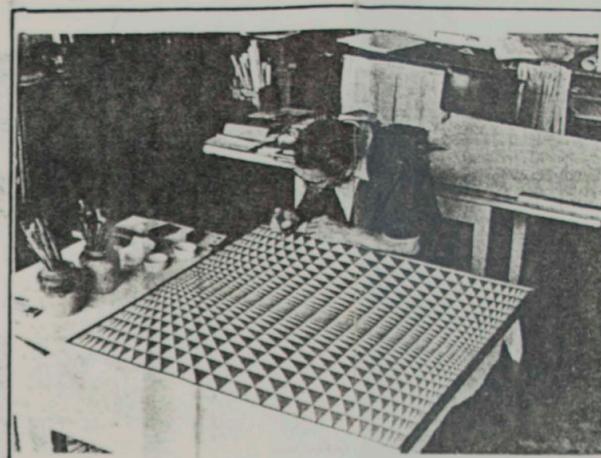
ALGUNS são consagrados, conhecidos, de obra apreciada e estudada. Outros, são jovens, em início de caminhada. Abelardo Zaluar fundamenta o seu trabalho no diálogo entre a voluta barroca e a forma geométrica. Abraham Palatnik, criador cinético, elabora os mais puros jogos metálicos. Arthur Luiz Pisa decompõe e recompõe permanentemente a forma. O todo e a parte são uma mesma coisa e, ao mesmo tempo, contrapõem-se. Arcângelo Ianelli elabora uma textura de tal maneira delicada que ela, contida numa forma rígida, vibra de sensibilidade e vitalidade.

Geraldo Barros pensa e forma como um objeto dinâmico, em movimento perpétuo. Ícone industrial. Hércules Barsotti cria uma pintura rigorosa, feita em faixas cromáticas, cuidadosamente traçadas, estabelecendo uma obra de caráter emblemático. Israel Pedrosa dominou o fenômeno da refração cromática que denominou "domínio da cor inexistente" e a sua pintura centra-se nas mutações cromáticas e na

invenção da cor. Jandyra Waters, fiel ao princípio construtivista, realiza uma obra severa, cromaticamente sobre controle, obedecendo a um pensamento intelectual. Judith Lauand trabalha com o rigor da linha e da vibração do plano. Sua pintura utiliza a cor como uma marcação do plano e do projeto gráfico. Lothar Charoux elabora a pintura como uma linha de luz-cor na qual interrupções têm a função de estabelecer a surpresa do olhar e ritmo inesperado.

DE MOVIMENTO e dinamismo quer Luiz Sacilotto a sua pintura. Ele se interessa pelo gozo visual e pela ilusão do olhar. Manfredo de Souza-neto experimenta os pigmentos obtidos diretamente da terra e o seu suporte é um objeto dinâmico que discute e interfere no ambiente. Maurício Nogueira Lima é absolutamente coerente no seu ver-descobrir. Ele enfrenta o espaço do suporte como um desafio no qual vai traçar a aventura visual das linhas, das fírmulas geométricas e suas possibilidades. Mira Schendel imagina sensível e intelectualmente, as formas mais sutis. O detalhe, a pequena diferença de tom, a sugestão, são os elementos pictóricos e psicológicos que assinalam o seu trabalho e a sua relação com o público.

MAS, ÀS vezes, na pintura é essencial elevar ao máximo a tensão resultante da proximidade e do jogo de placas cromáticas, e quem sente isto é Rubem Ludolf em seu trabalho. Para isto, ele quer a sua pintura pulsante, elaborada em tons próximos, como uma malha visual de recursos



Sacilotto, em pleno trabalho de criação

inexploráveis. Sérvulo Esmeraldo tem a delicadeza de linha e do prazer do olho. No seu trabalho, uma linha evolui e se transforma em objeto de observação e estudo. As interferências e a dualidade claro-escuro são o seu tema.. Valdeir Maciel tem a tendência do espaço amplo e a sua pintura se refere ao confronto entre formas determinadas no espaço do suporte. A sua cor é realizada em grandes planos que acentuam este diálogo — confronto entre as formas.

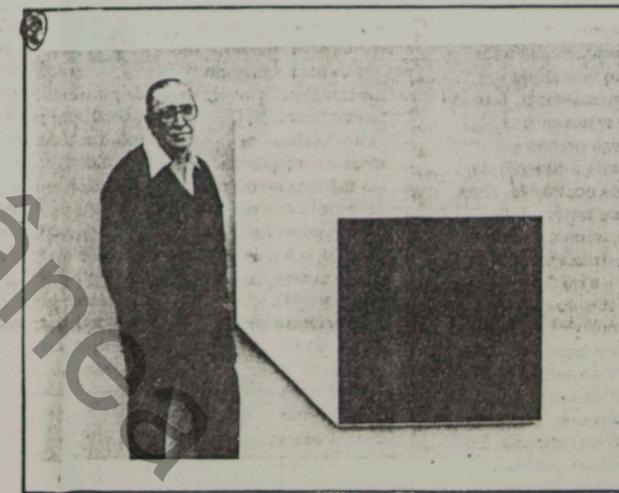
A geometria

EM SEU "Geometria Hoje", Klintowitz traz um pouco de história, lembrando que, na história da nossa arte, a geometria

teve um papel dominante. Como também faz questão de ressaltar que é inegável o distanciamento do público cada vez mais formas artísticas da nossa época. Principalmente das formas artísticas, não narrativas, como é o caso da arte geométrica. Jacob explica essa questão: "O homem e arte não estão mais em sintonia. Não se trata da boa vontade do homem moderno querer conhecer a produção cultural contemporânea através de alguma verbalização, mas de um abismo que assinala o afastamento do homem em relação ao próprio sentido da vida. O homem atual afastou-se das fontes essenciais de perceber a expressão da própria vida, ou melhor, a expressão da própria arte.

Nada mais e nada menos, a arte geométrica é a vida, o movimento através das formas. Seja a geometria em que o homem pode tecer para uma melhor formulação de idéia. A relação geométrica, que faz o homem ter uma visão das posições e distâncias em seu movimento sincrônico, para a sua orientação na vida. As formas geométricas sempre existiram como irão permanecer, pois são símbolos da própria existência e do Universo. E o artista busca essas manifestações, símbolos que estão gravados na história, para o entendimento do próprio mundo e de si mesmo. "Geometria Hoje" pode ser um reflexo ou registro do homem e do mundo presente.

Luciane de Almeida



Geraldo de Barros, de São Paulo, com sua arte